

Perspectivas sobre o futuro da universidade no Brasil

Profa. Dóris Farias
Timothy Mulholland
Manassés Claudino
Edson Franco

CLÁUDIO REIS - UnB Agência



Profa. Dóris Farias

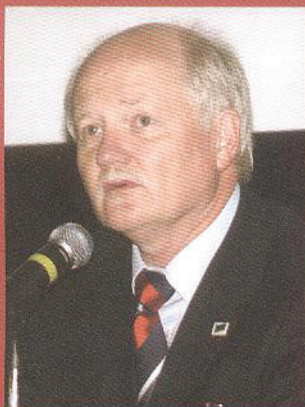
Coordenadora do
Laboratório de Estudos
do Futuro da UnB

Em nome do Laboratório do Futuro da UNB agradeço o convite da reitoria da Universidade Católica para coordenar esta mesa. É com muita honra que dirijo essa sessão. Ela é uma Mesa formada de três reitores importantes no cenário da universidade brasileira que trazem reflexões significativas para o presente e o futuro da universidade no Brasil.

O professor Timothy Mulholland é o reitor da Universidade de Brasília, representa o setor das universidades federais. Dentro da universidade, é uma das pessoas que reúne maiores condições para pensar a universidade brasileira. Com doutorado em Psicologia, percorreu toda a carreira administrativa que a UNB possui, foi vice-reitor em dois mandatos e atualmente é nosso reitor.

O professor Manassés Claudino Fonteles é reitor da Universidade Mackenzie, com formação na área de saúde. Presidiu o Conselho de Reitores, o Crub. Ex-reitor da Universidade Estadual do Ceará, pesquisador pelo CNPQ com inúmeras orientações, recebeu vários prêmios, é poliglota com domínio do francês, latim inglês, etc.

O professor Édson Franco é o reitor da Universidade da Amazônia – UNAMA. Advogado e Jornalista foi prof. da Universidade Federal do Pará, Secretário Geral do MEC, Secretário de Educação do Pará, Conselheiro do Conselho Nacional de Educação e Presidente da Rede Brasileira de Ensino a Distância, tendo portanto uma vasta e diversificada experiência nos setores público e privado.



Timothy Mulholland

Reitor da Universidade
de Brasília

A Universidade Católica está de parabéns pela organização deste evento, lembrando que a UnB também tem se debruçado, nos últimos anos, em uma série de iniciativas como esta – discutir o futuro da universidade no Brasil.

No início do governo atual, como é de conhecimento público, foi feito um debate nacional sobre a reforma da universidade brasileira. Evidente, que uma reforma não parte de um simples conceito, no caso de uma instituição universitária; ela exige uma profunda análise da história, do papel dessa instituição e do seu papel hoje e no futuro da sociedade moderna. A universidade não é um particular do Brasil, ela já tem 900 anos na história do Ocidente, constituindo-se em uma das instituições fundamentais ao desenvolvimento dos países, da ciência e ao desenvolvimento de todas as maneiras em que os conceitos e debates que influenciam a vida do ser humano na Terra, com ênfase nas tradições ocidentais das quais fazemos parte.

O importante ao se discutir o futuro da universidade é pensarmos um pou-

co no seu passado e, no caso brasileiro, identificar aquilo que lhe é peculiar, que é próprio da nossa história, sendo também necessário vislumbrar o futuro da humanidade. Quais demandas ela tem hoje e quais terá amanhã sobre uma instituição tão central e tão importante quanto a universidade?

A professora Dóris Farias dirige o Laboratório de Estudos do Futuro da UnB, que não é uma bola de cristal, mas, sim, uma tentativa de trazer o pensamento moderno sobre as várias questões que dizem respeito à sociedade, para que se possa oferecer a quem decide, subsídios fundamentados e só-

“

*O importante
ao se discutir
o futuro da
universidade é
pensarmos um
pouco no seu
passado.*

”

lidos com vistas às decisões de hoje que afetarão o nosso futuro. No caso da UNB, temos publicado alguns trabalhos sob a coordenação do meu antecessor, o professor Lauro Morhy.

A universidade no mundo nasceu ou em Bolonha ou em Paris, dependendo de quem defendesse, mas surgiu da vontade de debater, de criar conhecimento e por essa necessidade que a sociedade possui; essa demanda que perdura até hoje. Inicialmente, como era de se esperar, a universidade teve sua origem nos grandes debates teológicos – a cosmologia de mil anos atrás.

Uma cosmologia essencialmente de fundo religioso que, naturalmente, o pensamento de ponta possuía como tipo de inspiração e que perduraria em muitas instituições até hoje; mas que na universidade, no seu sentido mais amplo perduraria por vários séculos debatendo sobre questões derivadas mais da teologia do que da ciência.

A ciência comparece à discussão no período do Renascimento, nos séculos XVII e XVIII e se firma como uma referência sólida, para o desenvolvimento do conhecimento, no século XIX, principalmente na universidade alemã, que liderou a universidade moderna até pelo menos o final da 2ª. Guerra Mundial. A ciência se firmou como sendo o quadro de reflexão e de fundamentos, substituindo o teológico e sua cosmologia. A cosmologia da ciência é uma cosmologia científica natural que todos conhecem porque estudaram desde os primeiros passos na escola: o que a ciência tem a nos dizer sobre o universo, sobre a natureza da matéria, a natureza da energia e dos aspectos que a regem na nossa vida moderna.

Dessa forma, a universidade se estabeleceu como uma referência sólida de conhecimento útil, conhecimento aplicável aos problemas das atualidades diversas pelas quais passou a humanidade; principalmente nos últimos três, quatro séculos, onde a ciência surgiu e se estabeleceu como a principal referência, o principal quadro teórico, quadro conceitual do pensamento.

Paralelamente a centros de pensamentos e reflexões havia a formação de profissionais. Na Idade Média, as guildas eram organizações corporativas onde o artesão, ao lado do seu aprendiz, desenvolvia as suas tarefas e o aprendiz virava por sua vez em algum momento também artesão. As profissões, diferente do pensamento científico e do pensamento mais teórico, se desenvolvem no seio da sociedade em todas as esferas e essas organizações que caracterizam a história européia, eram uma fonte, um tipo de escola, formando profissionais que exerceriam todas as atividades técni-



Edson Franco, Dóris Farias, Timothy Mulholland e Manassés Claudino

cas que a sociedade exigia e isso, geralmente, de uma maneira distante da universidade. Profissões desde pedreiros, alfaiates à cirurgiões e barbeiros surgiram da necessidade da sociedade e eram técnicas de transformação da matéria-prima em objetos de utilidade na prestação de serviços desses profissionais aos seus clientes e à sociedade em geral.

A convergência entre a formação do profissional, fora da instituição universitária e a própria universidade, aconteceu a partir do momento em que esta assumiu a ciência como a base do conhecimento. Isso permitiu que o conceito de profissional, em vez de ser um aprendiz de artesão, na maioria dos casos, passasse a ser um aplicador da ciência e das engenharias, onde as ciências e as profissões da saúde e de todas as áreas, como as ciências humanas, saíssem da esfera do aprendiz e do artesão; aquele que sabia e passava para mais alguém, para mais algumas pessoas o seu ofício. A universidade passou a ser o lugar onde, além de debater as idéias, os conceitos e as teorias, eram oferecidas as profissões para a sociedade, já não mais na base da prática do artesão, mas na teoria científica. Assim, hoje as universidades são a convivência, nem sempre tranqüila,

entre o debate teórico amplo, nas áreas básicas do conhecimento e o debate do exercício profissional nas áreas mais técnicas que a sociedade demanda, requerendo cada vez mais precisão, mais sofisticação e mais resultados dessas profissões. Nas áreas profissionais, a junção com a ciência básica e com a pesquisa transformou-as, assim como transformou a sociedade. É muito diferente imaginar os médicos da antiguidade que aprendiam com outros a fazer sangrias, intervenções diversas, infusões e outras formas de tratamento com base na prática. A diferença entre isso e o que temos hoje é que agora a Medicina procura sua base nas ciências, tanto nas ciências básicas como na própria ciência médica, que se desenvolveu como um aperfeiçoador de técnicas. Em vez de se aperfeiçoar entre gerações de artesãos, se aperfeiçoa entre gerações, em larga escala, de pesquisadores de ciências básicas e pesquisadores das ciências aplicadas.

No Brasil, antes da universidade aparecer com esse dom e essa aspiração, tinha-se as faculdades formadoras de profissionais. Faculdades de Direito de Recife, Faculdade de Medicina de Salvador, duas grandes instituições e, em São Paulo e no Rio de Janeiro, ainda no século XIX, o surgimento por

patrocínios diversos, de escolas voltadas para formar profissionais. Não se tinha na inspiração dessas instituições a ciência como a base, como a referência, a não ser como algo derivado da necessidade daquela profissão. Isso formou o pensamento brasileiro também porque não havia sociólogos e sim bacharéis em Direito. Muitos dos grandes pensadores sociais brasileiros, desde aquela época, eram bacharéis em Direito, ou seja, a reflexão sobre a sociedade e a sociologia, tinha sua fonte não a formação do sociólogo, cientista, mas sim a formação dos práticos, ou seja, dos advogados – aqueles que tinham que ter uma reflexão sobre a sociedade para discutir as leis e discutir as suas aplicações. Assim era também a área médica e as outras áreas. A ciência foi precedida pela necessidade da prática e a universidade, como lugar de ciência, como anterior ou como pelo menos paralelo à prática, só surgiu no século passado e se firmou de maneira institucional, deliberada e planejada na Universidade de São Paulo, a partir de meados dos anos 30 e, em outras instituições, a partir de então. De forma que pouco tempo depois, na escala da história humana, menos de um século, temos hoje próximo a 1000 instituições universitárias. Mas,

de universidades, nesse sentido pleno, ainda somos mais que uma centena de instituições divididas entre aquelas que foram fundadas pelo Estado brasileiro que é a União, os Estados e municípios; aquelas fundadas por entidades religiosas ou comunitárias e ainda aquelas fundadas por iniciativa de particulares. Assim nós nos dividimos, mas também nos unimos. Somos partes de um esforço nacional, que na minha visão, não mais significa, simplesmente, encontrar um lugar para reflexão, mas parte de um esforço essencial ao futuro do país.

Ao longo da década de 20, no século XX, a universidade brasileira ainda que poucas, constituíam instituições de peso, como aquelas mais conhecidas, permitiu ao Brasil formar a sua própria elite. A elite brasileira, com raríssimas exceções, participa do processo decisório brasileiro, quer na iniciativa privada, quer no setor público, quer no setor técnico, ou em outros setores, foi formada por essas instituições. Isso especialmente a partir dos anos 50, quando a universidade brasileira recebeu uma injeção e um esforço de planejamento e de construção das suas finalidades na sociedade. Essa elite, hoje, permitiu ao Brasil ser um ator no palco mundial. Não há tecnologia que o Brasil não possa conhecer ou desenvolver e não há ciência que ele não possa desvendar; tudo isso é produto dessa instituição universitária brasileira do século XX. No século XXI, as demandas aumentaram e quem é do setor fica muito feliz com isso, porque o que nós gostamos de fazer está se tornando mais importante para a sociedade.

O processo de globalização trouxe a muitos países algo que já existia em alguns poucos, ou seja, as sociedades, inclusive européias do oriente e de outras regiões das Américas, pelo menos América do Sul, continuavam como instituições de formação de uma elite. A elite representa 2% da sociedade: são aqueles privilegiados em todos os sentidos, que vão tomar decisões e permitir que o país não fique sem a

condição da sua própria gestão e da discussão de bom nível de seus assuntos, entretanto, para o século XXI não basta mais uma elite bem formada. Atualmente, a demanda para que o Brasil continue ou venha a ser um ator mundial de porte exige, não mais uma elite muito bem formada e, sim, uma ciência atual que não pode ficar esperando os outros. Há que se ter cientistas do melhor nível e os temos, felizmente, no Brasil, mas devemos formar mais para esse mundo globalizado, com vistas a um futuro onde o braço não é mais a base do conhecimento econômico como foi durante toda a

*“Não há tecnologia
que o Brasil não
possa conhecer ou
desenvolver e não há
ciência que ele não
possa desvendar;
tudo isso é produto
dessa instituição.”*

história brasileira, a partir da escravidão, depois dos operários e dos camponeses. Somos a décima economia, mas podemos caminhar para baixo ou para cima, ou podemos estagnar. O braço hoje é substituído pelo músculo que fica entre as nossas orelhas, que não é exatamente um músculo, mas é o cérebro. O braço, que ainda é necessário, se torna um ator de pequena importância nesse cenário. E hoje nos países mais desenvolvidos, as indústrias pesadas, terceirizam para outros países aquilo que exige o braço a muito tempo.

Atualmente, o que se concentra, como demanda fundamental para o futuro desses países e o Brasil, entre eles, é o conhecimento. Então, onde a sociedade guarda, preserva, desenvolve e dissemina o conhecimento? Na educação de um modo geral e, isso, o Brasil tem uma dívida com ele mesmo – a de colocar a sua educação, em todos os níveis, em um patamar de abrangência de universalidade, no caso, a Educação Básica e, no nível universitário, uma abrangência muito maior da sociedade do que aquela universidade elitizada do século XX que se propôs a fazer e não fez. A universidade brasileira hoje, para a sociedade, é simplesmente um dos produtos gerados para resolver suas questões, seus interesses. O grande desafio, no entanto, é selecionar uma universidade, no sentido amplo de todas as instituições envolvidas, voltadas para a formação de uma elite de alto nível e escancará-la para a população, no sentido de que não seja apenas 2% que a ela tenha acesso, mas sim uma porcentagem muito maior. Isso não é só porque as pessoas querem estudar, é importante que elas queiram, que dispersem para essa necessidade, é principalmente porque o futuro do bem-estar do nosso país passa por esse processo. Outros países nos mostraram o caminho, países que estávamos muito à frente deles, por exemplo, a Coreia que era um país rural, medieval se modernizou e hoje tem uma presença na criação de conhecimento mundial à nossa frente, assim como produz mais patentes, mais conhecimento do que nós. E isso se aplica também a vizinhos nossos: países onde a educação foi levada a sério a mais tempo e com mais preocupação com a qualidade do que nós. Há que se recuperar, colocar nossa Educação Básica também em um padrão mundial. Não adianta querer cientistas, se as pessoas não sabem Matemática, não adianta querer conhecimento de ponta, se a parte básica e a formulação mais simples do conhecimento não é geral, não é acessível a toda população. Esse é um grande desafio que os governos federal, estadual e municipal têm que

assumir com toda seriedade. O discurso que está na eleição hoje é o discurso da Educação e isso é muito importante, é um salto porque antes se falava em desenvolvimento sem falar em educação. Desenvolvimento significava empréstimo internacional, dinheiro colocado em indústria e agora não, o investimento fundamental da nossa sociedade é na Educação que abrange da pré-escola ao pós-doutorado.

Nosso ministro coloca com muita propriedade que a questão educacional não é a Educação Superior contra ou versus a Educação Básica, na verdade, é tudo. O que precisa é que todos os jovens concluam um Ensino Médio de qualidade e que desses, 30% cursem o nível superior. Essa é a meta contemplada na nossa legislação, que é a meta mundial. Os chineses hoje têm quase um Brasil na universidade, fazem tudo em uma imensa escala pelo tamanho da população, mas estão levando a sério esse desafio, como levaram outros países com dificuldades, não muito menores do que as nossas. O futuro da nossa instituição universitária, dessa instituição Católica e das aqui representadas na mesa, é um só: é de dar um alcance à nossa oferta que englobe pelo menos 30% dos jovens em pouco tempo. Acho que 2011 foi a data estabelecida para que 30% dos jovens entre 18 e 24 anos tenham acesso à educação superior de qualidade. Isso exige uma mudança na visão do papel da universidade em termos da formação, porque a origem brasileira é a da formação de profissionais. Fragmentamos a nossa universidade em um monte de faculdades de formar profissionais – e essa é uma avaliação pessoal – e esquecemos que a formação científica é muito mais importante que a profissional porque aquela é a base desta. Idéias semelhantes às que surgiram, quando da criação da UnB, estão sendo implantadas na Europa em grande escala; idéias que existem na educação norte-americana desde o século passado. Devemos levá-las em conta, se queremos como parecemos querer, que todos olhem para nosso jovem brasileiro tendo que ser

advogado. Engana-se quanto a essa visão, precisa-se de bons advogados, mas precisa-se muito mais e em muito maior número de bons sociólogos, de bons cientistas sociais, pessoas que nos façam refletir sobre a sociedade. Não necessariamente para se tornarem pesquisadores, mas que no seio da sociedade, das empresas, dos órgãos públicos e de todas as esferas tenhamos pessoas com formação científica básica muito sólida e que se especializarão no curso da sua vida profissional.

A universidade do ABC, que é uma universidade federal novíssima, criada em São Paulo, por iniciativa do presi-

A massificação da Educação não significa a massificação das profissões, isso tem-se que ter claro, significa a massificação ao conhecimento.

dente Lula, tem um bacharelado em tecnologia, se não me engano, de três anos. Ninguém se forma nesse curso como engenheiro, mas todos saem com uma base científica sólida e ampla para que em seguida possam se tornar engenheiros, se for o caso, e outros profissionais, ou então que possam entrar no mercado de trabalho com conhecimento científico sólido, que dará à sociedade o que esse lastro que é o que o mundo contemporâneo, o mundo globalizado está a exigir.

Ainda neste semestre, está se articulando a vinda, aqui para Brasília, de

pessoas do Brasil e do mundo que já discutem esse tipo de visão vincular. A massificação da Educação não significa a massificação das profissões, isso tem-se que ter claro, significa a massificação ao conhecimento. O futuro, pelo menos o da UnB, será um grande debate sobre essas questões, e eu, até que me convençam o contrário, acredito que o futuro da educação superior brasileira não está em multiplicar os cursos das profissões tradicionais, além da capacidade da sociedade de absorver e, sim, em criar novos espaços de formação que sejam de base ampla para que o jovem, quando chegar ao mercado de trabalho não chegue já obsoleto como fazemos com tantos hoje. Forma-se um profissional que, em pouco tempo, está fora do seu mercado. Nós precisamos formar jovens em grande escala, três vezes o que formamos hoje em proporção, mas com base muito ampla de conhecimento. Porque esse conhecimento, que não é um exercício necessariamente técnico de uma profissão, será a base do nosso desenvolvimento como sociedade, como cidadãos. A crise em que se encontra nossa política hoje e o que corrigirá isso, entre outras coisas, é a Educação – educação da massa e a formação de um grande número de profissionais com capacidade de análise crítica, de reflexão e que aumente a nossa competitividade no cenário mundial.

O Brasil descera nesse *ranking* de países, enquanto não se tomar esse tipo de medida revolucionária, radical e permanente. Uma coisa que o nosso ministro Haddad diz e que eu gosto de citar é que uma vez que o pai ganha certo padrão educacional, não aceitará que seu filho tenha um padrão inferior. Portanto, uma geração que ganha um nível de educação que o Brasil precisa, significa uma geração que assegurará perdurar isso para sempre. Penso que algumas idéias que expus aqui, são idéias do momento da nossa época e dos desafios da nossa geração, na medida em que haja reflexão na Universidade Católica e em muitos outros espaços sobre essa temática.



Manassés Claudino

Reitor da Universidade
Mackenzie

Vou dividir minha fala em duas pequenas partes bem cronometradas e ajustadas. Eu sou um reitor, que apesar da função, nunca deixei de pesquisar. Tenho vivido a universidade brasileira em todos os níveis. Como professor da universidade federal, militei mais de 30 anos; da estadual, cerca de 14 anos e, atualmente, licenciado desta, para dirigir a Universidade Mackenzie, uma das mais antigas instituições do Brasil, cuja gênese está completando 136 anos de fundação – a primeira escola de engenharia do país. A diferença dela para as outras é só de meses, porém a sua estruturação é da mesma época. Com a finalidade de testar outro sistema é que estou, há três anos, envolvido num trabalho de pós-graduação *stricto sensu* cujo objetivo é criar cursos de saúde, área da minha formação.

A universidade brasileira passa por um momento de inflexão com vários espasmos de mudanças. No sistema federal, principalmente nos últimos meses, o governo resolveu expandir vários campus e, conseqüentemente, criar novas universidades com propostas diferentes. Não sei se bem localizadas, como a do ABC paulista, em um estado que já possui 25 universidades.

Certamente que a expansão do sistema criará problemas financeiros, não agora, mas no futuro, pois em muitas universidades federais não existem, do ponto de vista da qualificação, bons laboratórios, boas pesquisas e bons pesquisadores. São universidades, em pontos remotos do país, sofrendo para produzir conhecimentos novos, que são os seus objetivos.

As Universidades Estaduais, têm crescido muito e são as maiores responsáveis pela interiorização do país. No cenário internacional, das 500 melhores universidades do mundo, aparecem as três estaduais paulistas; a USP está em 45º lugar e só. Nós pensamos que somos maiores do que realmente somos; é o discurso oficial.

Já as Universidades Comunitárias, onde a UCB se inclui, trata-se de um grupo que também tem expandido bastante; são universidades sem fins lucrativos que desenvolvem um trabalho social importante, ao longo desses 40 anos. Destaco, sobretudo, as confessionais: PUC-SP, que passou por uma certa turbulência financeira, mas certamente reerguerá, a PUC-RJ, a PUC-Campinas e a PUC-RG; nomes muitos fortes e tradicionais. Há também as Católicas que não são PUC, como a UCB que desenvolve um trabalho muito interessante com qualidade na pesquisa, ensino e extensão, assim como as outras Comunitárias dos outros braços do cristianismo, também confessionais, que são as Presbiterianas como a Mackenzie, as Metodistas, com vários núcleos espalhados pelo Brasil, a Luterana e a Adventista.

O grupo de Universidades Comunitárias, que são as municipais, localizadas em Santa Catarina, Paraná, um pouco no Rio Grande do Sul e uma pequena amostra em São Paulo, foram reconhecidas pelo Governo Federal como não sendo estritamente particulares, porque não visam lucro. Tudo que é arrecadado é investido na própria instituição; por isso elas não só têm crescido como constituído em modelos para outros países por não existir outros no gênero.

Quanto às Universidades Particulares, também têm feito um trabalho muito grande. Esses dias publiquei um artigo, no Jornal Valores Econômicos, mostrando como estas desenvolvem as suas pesquisas científicas bem como verificam a importância de gerar conhecimento novo. Há um sentimento, nas Particulares, de migração do ensino, ação realizada com competência que lhes conferem a grande responsabilidade pela demanda reprimida do nosso país. Com a produção de novas tecnologias, pelo desenvolvimento da pesquisa, ensino e extensão, o conceito de Universidade Particular mudou. A extensão ganhou força nesta, e muitas têm feito um trabalho impressionante por este Brasil afora – foi o que constatei durante minha gestão de presidente do Conselho de Reitores.

Contudo, vejo, com certo otimismo, o sistema universitário brasileiro, tão diversificado quanto o Brasil: diverso na cor, na pobreza, na riqueza, na natureza; diverso geograficamente. Do ponto de vista antropológico, abriga uma população pobre, um nordeste semi-árido, com pouca água, mas que tem coisas bem interessantes.

Em decorrência disso, demonstrarei com algumas lâminas o crescimento das Universidades Particulares. Inicialmente, uma frase para reflexão:

“um povo acontece, quando as pessoas se unem em torno de um mesmo sonho.”

– Santo Agostinho

Santo Agostinho era um sujeito devasso, muito namorador, gostava de mulheres. Repentinamente, resolve dar um freio em sua vida e se tornou um santo. Veja a mudança que o cristianismo pode operar. Todos nós temos um mesmo sonho: fazer o Brasil mudar. O Brasil tem 9% de jovens entre 16 a 24 anos, na universidade. É um quadro muito ruim e urgente se torna que as pessoas se apercebam da necessidade de mudar essa situação.

CONJUNTURA DO ENSINO SUPERIOR

Prolegômeos

- Grande crescimento no Ensino Superior do Brasil, graças ao ensino particular, que hoje detém 80% das instituições; das 10 maiores em dimensão, 6 são particulares;
- Matriculados em curso de graduação presencial: 3.482.063; 80% dos quais estão nas Particulares e nas Comunitárias;
- Nos últimos 5 anos, o crescimento de matrículas foi de 64%, média anual de 13%; sendo maior nos anos 90, quando o sistema expandiu demasiadamente;
- População de 8.3 milhões em 2008, a manter-se essa tendência.

Mesmo assim, pensa-se que é muito, mas não se pode esquecer que a população do Brasil é de 200 milhões. Ainda é pouco e mesmo que as universidades federais duplicassem o número de alunos, não atingiriam o número de vagas necessárias, tampouco só com sistema público.

Observações do fenômeno

- Crescimento desordenado;
- Falta de uma proposta nacional;
- Falta de equidade regional.

O Sul e o Sudeste têm muitas instituições, muitas faculdades e estão criando mais. Só em Minas, existem 15 universidades por instituições federais de ensino superior. Os mineiros são mais hábeis na captação de recursos.

O crescimento inicial foi sobretudo do setor privado; há que se lhe atribuir este mérito, pois ele investiu bastante sofrendo consequências com isso. Houve um aumento grande de instituições pequenas, mais de 1000 faculdades isoladas. Algumas boas, a maioria de má qualidade. Disputam o mercado e a guerra de preço e, às vezes, para

manter as instituições, abaixam o preço piorando e aviltando o ensino. Existem um número grande de pequenas faculdades espalhadas pelo Brasil. Elas são as grandes inimigas e se multiplicam de formas desordenadas. Falta uma política nacional.

- A maioria aproveitou-se da demanda reprimida em segmentos sociais e regionais e criaram estas instituições;
- Nenhum compromisso com o conhecimento novo e falta de correlação com o princípio constitucional: ensino, pesquisa e extensão.

Que só é obrigatório para as universidades e, parcialmente, para os centros universitários. Muitos centros se utilizam do termo UNI e não são universidades, aliás, o Conselho Nacional de Educação, a poucos dias, baixou uma resolução proibindo o uso de UNI para os centros.

Reflexões Comparativas

- Dados IBGE/Inep revelam que hoje apenas 9% da população, na faixa de 18 a 24 anos está na universidade. Isto é pouco. A maioria da América Latina que trabalha seriamente, a Argentina por exemplo e, mesmo o Chile, têm uma massa maior do que a do Brasil, chegando aos 30%. País como o Canadá possui uma massa de 60%; os Estados Unidos são quase universais.
- 40% dos estudantes brasileiros têm mais de 24 anos, devido à distorção crônica série/idade.

Encontramos estudantes com 40, 50, 60 anos de idade. Quando reitor da Universidade Estadual do Ceará, criei um programa que funcionava aos sábados, domingos e feriados e concedia título de bacharel a inúmeras pessoas idosas. Ao mesmo tempo que estas pessoas se expandem, elas ocupam espaços que poderiam ser destinadas aos

mais jovens; isto é uma distorção nacional. Ninguém olha para questão da educação das crianças, nem mesmo o Ministro Fernando Haddad. O senador Cristovam Buarque tem falado, mas não consegue muito sucesso. Ao terminar meu mandado, no Crub, citei a situação das crianças, dos jovens e mostrei o quanto é ruim o ensino em nosso país. Estão abrindo universidades e as crianças de 6 e 7 anos estão por aí cheirando cola.

O perfil do Ensino Médio é desastroso. Precisamos expandir o acesso, pois mesmo com a expansão dos últimos anos, se aumentarmos 3 vezes o número de matriculados, ainda estaríamos abaixo da Argentina e do Chile. A universidade tem que olhar para fora, para o Ensino Médio. Interessante o que a reitoria da UCB fez, criando o Projeto Pré-vestibular; um núcleo que visa preparar melhor os estudantes para ingressar na universidade. Atualmente, é grande o número de estudantes das universidades federais que abandonam os cursos, antes de terminá-lo. Os esforços do Governo para o Ensino Médio se fixam no Fundeb. Agora que se votou uma lei; aquilo que os americanos resolveram em 1910, a China em grande escala, em meados do século XX. Nós é que estamos criando uma lei de estímulo ao professor? É melhor deixar de ser professor e receber bolsa-família. Falta estímulo e o salário é ridículo; se não pagar o professor adequadamente e proporcionar-lhes melhores condições de trabalho, não se fará a diferença.

Os primeiros sinais de que o sistema está tendo dificuldades, já estão à vista:

a) relação candidato/vaga na Particular é de 1.6; nas Públicas, chegando a 10.8 – para ingressar em uma Universidade Pública, é dez vezes mais difícil que na Particular; os dados são matemáticos e o MEC divulga que está tudo bem, que o pobre está conseguindo entrar na universidade. O Prouni teria de aumentar 100 vezes para que, de fato, o pobre tivesse acesso ao ensino superior;

b) inadimplência cresce – o pobre não pode pagar e, se o governo quer ajudar, deveria ter aumentado o Prouni em 3 a dez salários mínimos. Nessa classe social, a geração de filhos é acelerada, já a classe média gera com mais parcimônia. As famílias pobres são numerosas por falta de informação e pela ingerência da Igreja no tocante ao controle da natalidade;

c) baixa renda familiar – é o que provoca o crescimento da inadimplência. Existem faculdades particulares em que esta atinge a 30%, inviabilizando a instituição, que por sua vez, utiliza de vários recursos para diminuí-la, como por exemplo, contratar psicólogos para negociar com as famílias uma forma de pagamento;

d) aumento de vagas no setor público – com a criação de novas universidades e escolas técnicas, além da expansão dos campus federais, imitação do sistema estadual. Trata-se de uma proposta muito pequena que não melhorará a situação. Criar uma universidade lá no Rio Grande do Sul, outra no ABC paulista, outra no lá interior não é solução; o Brasil é tão grande que precisaria criar 100 novas universidades;

e) estudos recentes (Observatório Universitário) demonstram que 25% dos potenciais estudantes não estão preparados para cursar o ensino superior – são limitados devido ao fraco nível do ensino médio; muitos não sabem Matemática e às vezes nem con-

seguem ler. Isso agrava ainda mais o problema porque 88.1% das universidades são particulares, que abrigam 6 das 10 universidades brasileiras e até tentam ajudar, dando aulas de reforço, nos próprios cursos, uma vez que recebem um grande contingente de alunos com alto déficit de conhecimento.

Soluções para o problema

- *Dar mais relevo público ao privado, mostrando que este, quando acionado, corresponde. Exemplo, o Prouni, uma boa iniciativa do governo que faz muito bem às Universidades Comunitárias e às Particulares, devendo, no entanto, avançar mais.*

- *Articular o debate sobre o modelo de crescimento da Rede pública. De que adianta criar inúmeras faculdades, inúmeros cursos em várias regiões do país, se a manutenção fica cada vez mais difícil?*

- *Dar menos ênfase ao estatismo reinante no atual governo. Das 160 instituições superiores no Brasil, 100 são universidades federais, estaduais e municipais que não pesquisam, não possuem laboratórios, nem boas bibliotecas. Não seria melhor investir em duas universidades de ponta que dessem e pudessem colocar estes estudantes lá dentro?*

- *Investir em projetos do tipo Prouni, evitando gastos excessivos no sistema público.*

- *Mobilizar recursos para melhor qualificação e aparelhamento das Universidades Públicas, como paradigma de instituição de pesquisa.*

- *Transformar algumas universidades em modelos como o Itamaraty, o FGV, adequando-as para receber a nata da inteligência nacional.*

- *Ampliar os recursos para pesquisa, destinados aos grupos de excelência na universidade Particular e, sobretudo, na Comunitária. Por que não? Se a universidade privada está contratando doutores de alta qualidade que o sistema público produziu, por que ela não pode fazer pesquisa? Por que o apoio à pesquisa vai somente para a Universidade Pública? Muitos pesquisadores estão lá e não conseguem fazer nada.*

Concluo, reconhecendo que este esforço requer muita energia e implica em trabalho de parceria entre o público e o privado. Como no Brasil o público e o privado se confundem, estes devem ser disciplinados e ordenados para o bem da nação.



Edson Franco

Reitor da Universidade
do Amazonas

Em 1974, na instituição que eu dirijo, havia aproximadamente 30 professores. Resolvi perguntar quais deles tinham pai e mãe com curso superior completo. Nenhum professor possuía. Em 1994, pretendia fazer esta mesma enquete em 15 universidades americanas. Na terceira que visitei desiludi, pois a maioria dos pais pesquisados eram pós-graduados. Quero fazer a mesma sondagem, agora: levantem os braços aqueles cujos pais têm curso de graduação. Percebo não se tratar da maioria. Conduzirei minha fala, o quanto possível, em direção ao futuro haja vista já termos um bom conhecimento da situação atual.

Segundo Boaventura Santos, no século XVI, existiam e existem até hoje, 500 instituições de ensino superior. A universidade não morre, ela se modifica, se transforma. No Brasil, não temos 100 anos de universidade, isto é, considerando o sentido estrito da palavra. O termo *universidade*, antigamente, era privativo da universidade, hoje ele se vulgarizou. Chanceler e reitor eram pessoas ilustres e agora... O certo é que o termo se banalizou – centros universitários muito mais jovens também são chamados de universidade. Uma estu-

dante, mestranda na UnB, faz uma pesquisa justamente sobre a expansão do ensino superior e me apresenta mês a mês, o número de instituições universitárias criadas em Brasília. Existem oitenta e seis instituições, obviamente, se debatendo entre si. Umas já se destacando, porque possuem alguma missão, alguma linha de trabalho e outras quase à míngua.

Tentando negociar a venda de uma Faculdade para uma senhora de Brasília, o primeiro interessado me perguntou: “quanto a dona fulana me paga para eu ficar com os cursos dela?” Na verdade, ninguém mais quer arcar com

tando o mesmo tempo, ela consegue produzir 15 celulares. Assim sendo, será que o nosso crescimento econômico será de 6%, conforme pretende o ministro Furlan? Há dez anos que o Brasil cresce 3,5% e, portanto, não se trata apenas de “querer”. Não há população inteiramente dedicada à sua formação. Para se ter uma idéia, um formado do nível superior ganha o dobro daquele concluinte do Ensino Médio, isso já é sabido. Mas, há vários profissionais deslocados daquilo que aprenderam – os formados que mais atuam na própria profissão, de acordo com estudo por mim realizado, são os da Engenharia, Odontologia e Medicina e os que menos atuam na sua área de formação são os da Geografia, Economia e Biologia.

A revista *Exame* trouxe, recentemente, o relatório do Banco Mundial sobre Educação e são lamentáveis as informações que caracterizam a situação do Brasil no cenário mundial. Até porque temos aqui apenas cinco anos de escolarização. Na minha época de Ministério da Educação, quando tentou-se qualificar professores, fomos ao Nordeste para filmar algumas aulas e um professor, então, dizia: “**Como vocês sabem os reptéis são mamíferos que proliferam**” – era assim que se dava aula em algumas escolas e é assim que ainda se faz no interior do nosso país.

Em 5000 municípios, no Brasil, somente 27% daqueles que ocupam cargos de chefia, nas respectivas administrações, são pessoas com nível superior de ensino. Em 1994, havia 195 mil estudantes de Administração e hoje há 640 mil, no entanto, só 7,3% dos brasileiros têm curso superior e são eles que nos comandam. O MEC age de uma forma tão pouco coerente com a vida nacional que só admite três tipos de instituição: as universidades, os centros universitários e as licenciaturas. Isso demonstra que esse país não deve ser administrado exclusivamente de Brasília, com o pensamento brasileiro. Será que não existe outro tipo de alteração na vida brasileira?

*A universidade
não morre,
ela se modifica,
se transforma.
53% dos
formados no
Brasil atuam em
outra área.*

esse empreendimento, apenas os audaciosos, porque não é assim que se constitui uma instituição de ensino superior.

Outra questão que se coloca é a respeito da formação genérica a qual se referiu o reitor Timothy – 53% dos formados no Brasil atuam em outra área e precisaram de treinamento. Por exemplo, a Embraer gastou até agora US\$ 13 milhões para aperfeiçoar o pessoal empregado por ela. Também a LG, que tem uma fábrica em Taubaté, consegue produzir nove celulares a cada hora, enquanto na Coréia, gas-



Sobre os dois sistemas de ensino superior, destaco que no ensino superior público existe, lamentavelmente, muito eleitoralismo, com compromisso partidário, com uma política do faz-de-conta, especialmente quando há uma greve longa e depois se faz a recuperação desses dias perdidos. Já no ensino privado, existe muito nepotismo, ou seja, pai dono da escola ou dirigente da universidade que nomeia filhos para dirigi-las; alguns muito inteligentes, outros muito analfabetos e as universidades acabam por não se encontrar. Há também, em algumas instituições, uma política que eu chamaria de “engana MEC”. Ela ocorre quando, por exemplo, se desloca uma biblioteca inteira de uma instituição para outra “para fiscal ver”. Isso é típico do ensino privado? Não. A Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Pará fez isso, no meu tempo. Conseguimos vinte equipamentos odontológicos e os colocamos em umas instalações. No dia seguinte, os devolvemos para os laboratórios de origem. E o su-

*“Não se faz portaria,
faz-se “porcaria” e,
no dia seguinte,
revoga-se
porque a portaria
saiu errada.”*

jeito que visitava a Universidade Federal do Pará era desses fiscais – realmente um leão. Lamentavelmente, existe uma política do “engana MEC” por falta de seriedade. Cada vez mais o ensino privado está vivendo da pobreza da demanda: geralmente ele é de

organização familiar, tem pouco planejamento, existindo pouca universidade especializada.

A lei da reforma universitária também era encarada com certo “ranço”. Para constituir uma universidade eram necessários quatro cursos na área básica e quatro cursos na área profissional – rezava o artigo nono da reforma universitária de 1968. Ninguém conseguiu constituir uma universidade especializada; as rurais que eram boas, se transformaram em universidades generalistas e agora, finalmente, estão voltando às suas origens. Existe na ação governamental um pecado que eu denominei “legismania” que significa mania de legislar. Então não se faz portaria, faz-se “porcaria” e, no dia seguinte, revoga-se porque a portaria saiu errada.

Outro equívoco é a compreensão de que o ensino privado tenha que fazer pesquisa com o dinheiro que o aluno paga pelo conhecimento que recebe. Fiz três pesquisas na instituição que represento, sobre o Prouni. Temos 1040 alunos assistidos por esse pro-

grama. Eles são os mais freqüentes, os de melhor rendimento, os mais aprovados e os que menos evadem. Criamos um prêmio que é dado àquele ou àquela estudante cujo rendimento tenha sido o melhor, durante todos os semestres – uma placa e um certificado, além da devolução de toda mensalidade paga à universidade, com vistas ao primeiro emprego dos mesmos. Vários alunos já foram agraciados. Se o ganhador for do Prouni, pretendemos devolver o correspondente ao que ele pagaria, caso não fosse bolsista.

Respondendo ao que se exige da universidade em relação à responsabilidade social, exemplifico: quatro universidades (a federal, a estadual, a rural e a Católica), um centro universitário e o Cefet nos reunimos, toda última quinta-feira de cada mês, para discutirmos problemas comuns – pesquisas, intercâmbio de professores e criação de grupos de pesquisa interligados; ações sociais que sejam comuns. Exemplificando, em Belém do Pará, existe uma área chamada Igarapé Mata, formada por cinco localidades, onde sequer tem água encanada. Um poço foi furado e cobra-se R\$ 20,00 por mês das famílias que se abastecem dele. Re-

O futuro da universidade está em as universidades fazerem alianças, acordos, protocolos e começarem a pescar juntos.

solvemos intervir nessa comunidade, fizemos um projeto, insistimos e a prefeitura concluiu, agora, o setor de distribuição de água. Há todo um trabalho de elevação do nível de renda da população e assim sucessivamente. Ações como esta acabam sendo um trabalho de seis instituições; todos dando as mãos. Isso é o que para nós significa

responsabilidade social, que só acontece quando se junta instituições para discutir os problemas da sua região, da sua área e, coletivamente, enfrentá-los. Significa muito mais que doação de alimentos, mais que qualquer curso que se faça. O futuro da universidade está em as universidades fazerem alianças, acordos, protocolos e começarem a pescar juntos para verificarem o que se pode construir. Acredito que já esteja começando a sair acordos e protocolos aqui, professora Dóris Farias – a Universidade Católica de Brasília convida a Universidade de Brasília.

Concluindo, deixo apenas dois outros alertas: não façamos PDI com sanatismo, mas sim com “o pé no chão” e sobretudo em conjunto. Por outro lado, façamos com que algumas instituições se transformem em instituições especializadas para aprofundar o conhecimento e a pesquisa em determinados campos; não importa a generalidade do conhecimento. Se conseguirmos trabalhar com o espírito de investigação, mudaremos o panorama do país e é possível que daqui a três, quatro anos cheguemos aos tão almejados 6% do crescimento econômico, o que não acontecerá em 2007.

No encerramento da mesa, com a palavra, profa. Dóris Farias

Podemos observar que as falas dos três reitores identificam claramente com a necessidade de criação de um sistema nacional que integre os diferentes componentes dos setores públicos, privados e comunitários.

Acho que é este o desafio desta mesa, no sentido dela ser capaz de trazer esta mensagem, debater com o público e depois produzir um material nessa direção, apontando um pouco mais de forma integrada, os rumos de uma reforma do ensino superior no Brasil. O projeto de reforma encontra-se no Congresso Nacional, mas ainda não foi votada. Certamente, ainda, sofrerá influências, após o debate com a

sociedade. Hoje, temos o setor privado defendendo alguns pontos para si, o setor comunitário reivindicando algumas questões próprias e o público em busca de outras alternativas.

Há uma documento do Crub no sentido de que seja uma proposta integrada que consiga ver o país composto por um sistema de ensino superior. A primeira mensagem dessa mesa é que a Reforma caminhe no sentido de um sistema de ensino integrado. Isso implica na definição e gestão de recursos e incentivos financeiros que não estão restritos somente ao setor público, há demandas no setor privado, principalmente, no comunitário. Isso deve ficar claro e inequívoco dentro da concepção do sistema nacional. A questão da autonomia se coloca como de forte relevância

para a necessidade de definição para que o sistema possa caminhar.

Existem outros aspectos que se colocam para o ensino superior como a certificação intermediária ao longo dos cursos de menor duração, além da diplomação profissional. Certamente, o modelo universitário tradicional sofrerá algumas modificações no sentido de atender os três componentes de que falou o prof. Timothy: o de formação básica, o profissional e o de pesquisa. Portanto, a universidade vai ter que se compor dentro desses três aspectos. Acho que a integração dos três setores encontrará um solo mais fértil para a sua efetivação. Estes são aspectos que identificamos como de maior relevância para o encaminhamento de novas discussões.